

EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA TRABALHO E EDUCAÇÃO NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE-IFRN.

Dariana Maria Silvino ¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo examinar as dimensões do trabalho, articulando com a realidade educacional, ao refletir como marco temporal a consolidação do neoliberalismo no Brasil, das alterações deletérias trazidas para o campo da educação, utilizando relatos de experiências, de cunho qualitativo, enquanto referencial teórico a pedagogia histórico-crítico, ocorrendo as aulas por meio de apresentação em seminários na plataforma *Microsoft Teams*, atividades assíncronas, sistematização do aprendizado através de questionários respondidos eletronicamente na ferramenta *Google Forms*, por alunos/as do curso de especialização, a partir de debates e perguntas na plataforma *Google Jamboard* para construção de nuvem de palavras. Apoiando-se nas leituras, músicas, a turma foi levada a debater sobre a relação entre trabalho interacionada as questões educacionais, visando ações didático-pedagógica no processo de formação docente em diálogo com textos, de slides em aula on-line devido a pandemia da COVID-19. Daí a importância que a discussão possibilitou no campo da atuação e formação profissional, de qualificação enquanto também pesquisadoras (es) ao saber lidar no dia a dia, na prática cotidiana o ensino na qual não queremos reproduzir, e sim questionar. Então da necessidade de se ter análises que ultrapasse os muros da academia e comunidade científica.

Palavras-chave: Educação, Trabalho, Neoliberalismo, Educação Profissionalizante, IFRN.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo examinar as dimensões do trabalho, articulando com a realidade da educação, utilizando como marco temporal de análise a consolidação do neoliberalismo no Brasil, das alterações deletérias trazidas para o campo educacional. Importante um pequeno recuo no tempo, para observar que nos anos 90, durante os governos de Fernando Collor de Mello (1990-1992), Itamar Franco (1993-1994) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), a reestruturação produtiva² do capital se desenvolveu intensamente no Brasil devido à política de abertura econômica e de privatizações.

Em 1989, o Brasil aceita seguir as diretrizes impostas pelos Estados Unidos no chamado “Consenso de Washington”. Nesse período, foram adotadas uma série de

¹ Graduada em Serviço Social, especialista em Educação e mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos da Universidade Federal da Bahia - UFBA, e-mail: darianamaria@hotmail.com.br.

² É a maneira que o capital encontrou para sair das crises. a reestruturação da produção e a reorganização dos mercados [...] que têm como exigência básica a reorganização do papel das forças produtivas na recomposição do ciclo de reprodução do capital, afetando tanto a esfera da produção quanto as relações sociais. Ver (MOTA e AMARAL, 1998).

“recomendações” visando o desenvolvimento e a ampliação do neoliberalismo nos países da América Latina por meio da acumulação flexível e o ideário japonês, dos sistemas *just-in-time* e *kaban*, do processo de precarização e de terceirização da força de trabalho (BATISTA, 2001). O capitalismo tem necessidade de se apoiar sobre uma legitimidade para justificar as desigualdades que provoca e apaga as contradições que suscita. Principalmente quando o enriquecimento de uns é acompanhado pelo empobrecimento dos outros, quando a melhoria dos lucros é acompanhada de demissões, de degradação das condições de trabalho ou em uma diminuição das remunerações dos/as empregados/as (GAULEJAC, 2007).

Esse conjunto de estruturas que transformaram o mundo do trabalho, com a implementação das políticas neoliberais³ no Brasil, sobretudo no campo da educação e a globalização da economia, aliadas à terceirização e à precarização atingiram mais duramente a base da estrutura social, formada pela camada empobrecida, trabalhadora, mulheres negras, do campo ou cidade. O processo de precarização do trabalho é diretamente relacionado à fragilização do reconhecimento social, da valorização simbólica e do processo de construção das identidades individual e coletiva.

O trabalho ocupa um espaço/tempo central na vida social e individual do/a trabalhador/a, tanto que ao ser indagado “quem você é”, a resposta muitas vezes remete a profissão ou aquilo que sabe fazer. A precarização do trabalho dificulta o processo de identificação e construção de si, afetando a autoestima do/a trabalhador/a e tornando mais complexa a alienação/estranhamento do trabalho (ANTUNES, 2002).

Ao longo da Revolução Industrial (na Europa, a partir da segunda metade do séc. XVIII e no Brasil, a partir da década de 1930) e do advento do capitalismo, o capital ampliou a utilização da mulher no mundo do trabalho⁴, o que acarretou significados distintos: se por um lado, a ampliação do trabalho feminino no espaço produtivo foi uma conquista da mulher, por outro lado, permitiu que o capitalismo ampliasse a exploração da força de trabalho, intensificando essa exploração através do universo do trabalho feminino. (SAFFIOTI, 1987, p.41-42 *apud* NOGUEIRA, 2004, p. 202).

É comum encontrar a explicação para a divisão sexual do trabalho na “natureza dos corpos”, segundo a qual, a biologia destinou aos homens tarefas produtivas relacionadas à força física e virilidade, e para as mulheres restaram as tarefas reprodutivas vinculadas ao

³ No Brasil a ideologia neoliberal implementada na década de 1990 no governo de Fernando Collor de Mello e teve continuidade no de FHC. Trazendo a redução do papel do Estado no âmbito social e seguindo a lógica, mínimo para o social e máximo para o capital, através de privatizações neoliberais. Mais esclarecimentos, sugerimos a leitura Balanço do neoliberalismo (ANDERSON, 1995).

⁴ Ressaltamos que as mulheres escravizadas já estavam na produção há muitos anos e com o capitalismo ampliou-se a presença de mais mulheres que até então desenvolviam atividades no interior de suas residências.

mundo doméstico e ao seio da família (SILVA *et al.*, 2018). Apesar do avanço da tecnologia e da aquisição de conhecimento formal no século XIX, as mulheres parece que ainda cumprem jornada extensiva de trabalho, caso possuam uma carreira profissional, são a maioria dos/as trabalhadores/as no mercado informal, precário ou terceirizado e estão em maior número entre o total de trabalhadores/as desempregados/as⁵.

Exatamente partindo dessas reflexões sobre o trabalho no capitalismo, atrelada a área da educação, nos perguntamos, afinal, o desenvolvimento globalizado e o neoliberalismo juntos, tiveram quais impactos para a área da educação? Refletiremos sobre esse ponto mais a diante. Por hora, relataremos os desafios que foi impulsionado na construção desse artigo, tendo como ponto comum as leituras desenvolvidas para a revisão bibliográfica, a vivência na disciplina de trabalho e educação, levantadas por diversas vezes nos debates semanais nas aulas virtuais, e nos encontros realizados com a ajuda de ferramenta moderna. Utilizamos a técnica do raciocínio dedutivo como procedimento metodológico que permeou a pesquisa bibliográfica, oferecendo os fundamentos teóricos imprescindíveis ao estudo coletivo do material à nossa disposição.

METODOLOGIA

Por metodologia entende-se um conjunto de estratégias utilizadas pelo pesquisador/a para se aproximar e apreender a natureza de seu objeto de estudo, ou seja, é o meio pelo qual o/a pesquisador/a é conduzido/a às respostas da sua investigação. Tendo com isso uma maior aproximação do objeto estudado ao tentar decifrar as realidades nas quais fundamentam contextos sociais diversos.

Apoiando-se nas leituras, músicas, a turma foi levada a debater sobre a importância de se pensar a relação de trabalho interrelacionadas as questões educacionais, visando ações didático-pedagógica em que dialogassem com os textos, por meio da apresentação de slides, em aula on-line devido a pandemia da COVID-19. Dando sequência as atividades, a professora criou uma nuvem de palavras onde levassem os/as alunos/as a problematizar sobre as imagens na qual apareciam na tela e descrever o que cada um/uma compreendia (figura 1).

⁵ De acordo com a metodologia usada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua, o estudante e a dona de casa são pessoas que estão fora da força de trabalho; já a empreendedora é considerada ocupada. Menos de 14% das mulheres tinha emprego nos anos 1950, e os últimos dados coletados (1º trimestre de 2021) mostram que esse número passou para 47,4%. No entanto, a quantidade de mulheres desempregadas ainda é maior que a dos homens (52,6%). Disponível em: <www.agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 de novembro de 2021.

Ao compartilhar experiências de estudantes na especialização em educação no ensino técnico e profissionalizante no IFRN, campus Mossoró, conforme Saviani vem problematizar os desafios cotidianos ao pensar num tipo de educação voltada não apenas para o mercado de trabalho, mas tocar em pontos cruciais que passa justamente pela formação docente. Foi utilizado relatos de experiências, de cunho qualitativo, apresentação de seminários na plataforma *Microsoft Teams*, atividades assíncronas, e sistematização dos exercícios, através de questionários respondidos por alunos/as eletronicamente na ferramenta *Google Forms*, onde foi anexado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE no cabeçalho, e para apresentação das falas, usados pseudônimos, mantendo o anonimato e sigilo dos/as participantes.

Partindo da abordagem em que a educação brasileira vem sofrendo ataques do capital, na sua fase atual, na redução do papel do Estado no âmbito social adentrando na educação sobre precarizações, desregulamentações, fragmentações, numa formação privatizante segundo Gentili (2002) em que o contexto relatado, centraliza no modelo hegemônico, individualista, dos mínimos para educação, porém máximo para sua mercantilização, virando uma espécie de negócio, lucratividade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao abordar as “metamorfoses” como diria (ANTUNES, 1995) no “mundo do trabalho”, impacta todas as esferas da vida social, e as transformações, que vêm ocorrendo a partir de 1970 nos países desenvolvidos de superprodução e superacumulação, crises não pontuais, cíclicas, mas globais e impacta diretamente na educação.

Esse contexto chega no Brasil pela tríade flexibilização, precarização e privatização nas palavras de (ANTUNES, 2011) é presente no século XXI o trabalho desregulamentado, sem direitos trabalhistas, aumento da jornada intensiva e extensiva, autônomo, terceirizado, subcontratado, part-time, quaternário, polivalente, vendedor ambulante, fenômeno da uberização, trabalhadores/as do call center, entregadores de comida conforme (ANTUNES, 2011) e todas as mutações da “classe-que-vive-do-trabalho” tem acentuado em maior proporção na classe trabalhadora e em particular, das mulheres pobres e negras.

[...] Vivencia-se um aumento significativo do trabalho feminino, que atinge mais de 40% da força de trabalho nos países avançados, e que tem sido preferencialmente absorvido pelo capital no universo do trabalho precarizado e desregulamentado [...]



Há uma inclusão precoce e criminosa de crianças no mercado de trabalho, particularmente nos países de industrialização intermediária e subordinada, como nos países asiáticos, latino-americanos etc. (ANTUNES, 2011, p. 43).

Há uma enorme parcela da população vivendo em condições precárias, aceitando qualquer “emprego” para subsistência, subemprego, em condições análogas à escravidão de acordo com (ANTUNES, 2011). Percebemos então as condições de miserabilidade na quais as/os trabalhadoras (es) estão submetidas (os), desde a pobreza relativa e absoluta, exploração de mulheres, negros, crianças, nos atravessamentos de gênero, raça, classe, etnia, que passa pela divisão sócio, sexual e racial do trabalho⁶.

Atingindo diretamente a existência das/os trabalhadoras/es, no retrocesso de direitos sociais, trabalhistas, redução de políticas públicas educacionais necessárias para a construção de uma sociedade mais igualitária, democrática e inclusiva. Contudo, o capital encontrou na educação um negócio, mercadoria para gerar lucro, nesse sistema tudo se quer privatizar, inclusive a vida de acordo com (GENTILI, 1996).

Embora as mulheres desempenhem funções e trabalhos seja no campo educacional, empresas, fábricas, indústrias, agricultura, tendem ganhar menos, no processo de separação, hierarquização, é reservado o cuidar, limpar, educar para elas, atividades consideradas não valorizadas, de menor aquisição social, econômico, por exemplo, as enfermeiras, babás, secretárias, pedagogas, diaristas, profissionais do ramo da beleza, estética etc. É notável a importância da inserção das mulheres nesses setores, na reivindicação dos feminismos por direitos, oportunidades, possibilitando uma mudança nas definições dos papéis sociais, que juntamente passa pela educação.

Para (LOURO, 1997) a prática do poder tende a ser reforçada na relação do trabalho e educação, em que modelos de exclusão venha sendo ensinados, servindo para construir um campo fértil, de prováveis produções de desigualdades, começando pela educação tradicional escolar:

Os livros didáticos e paradidáticos, têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos. (Um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades “características” de homens e atividades de mulheres. [...] A separação de meninas e meninos é, então, muitas vezes estimuladas pelas atividades escolares, que divide grupos de estudos ou que propõe competições [...]. (LOURO, 1997, p. 74-79).

⁶ Sousa-Lobo (1991), Kergoat (2009), Hirata (2009), Saffioti (2003) dentre outras autoras.



A discussão permite compreender enquanto o fazer escolar necessita problematizar as questões que chegam através dos/as alunos/as revisão dos livros didáticos. É notável que a educação possibilita justamente produzir reflexão para educadores (as), professores (as), gestores (as) e toda comunidade escolar:

Nessa perspectiva, nossos esforços como educadores é, ao mesmo tempo de nos capacitarmos para ajudar os educandos a ler criticamente a realidade embrutecedora e mutiladora de vidas sob a sociedade capitalista e lutar por mudanças que não se constituam em reforço à sociedade como as políticas compensatórias ou de filantropia no âmbito social, econômico e educacional, e sim que pontem para novas relações sociais ou relações efetivamente socialistas. Distinguir umas de outras é tarefa ético-política imprescindível. (FRIGOTTO, 2002, p. 24-25).

Assim, apresentaremos a seguir alguns relatos de estudantes da especialização, turma 2020-2021 perguntados/as se a disciplina de trabalho e educação contribuiu no processo de ensino-aprendizado?

Discutir essa temática é importante para que se possa reconstruir a ideia de que trabalho se trata apenas de mercado. É preciso que a classe trabalhadora possa enxergar o trabalho para além do olhar do liberalismo (PAULA, 2022).

É importante na medida que criamos uma consciência crítica e reflexiva sobre trabalho, condições de trabalho e sobre o que é a educação (NILMA, 2022).

Porque os dois surgem como um elemento transformador na sociedade (BEATRIZ, 2022).

Dentro da proposta educacional que vem se construindo, desde o projeto Jesuítico, a relação entre o trabalho e a educação esteve presente. Por isso, acreditamos que o entendimento das relações de poder, cultura, sobrevivência existentes em seus processos é fundamental para construirmos consciência das relações hegemônicas da sociedade (MARX, 2022).

Diante dos desafios enfrentados na educação pública e profissionalizante, contrários ao que o neoliberalismo prega de aligeiramento, individualismo, que basta um diploma para se inserir no mercado, lógica puramente privatista, do Educação a Distância-EAD, educação não se vende, mais se garante, e as falas vêm no sentido de fazer essa análise, ao refletir que tipo de educação queremos, crítica, mais plural, ou visando uma formação voltada apenas para o mercado de trabalho. Dando continuidade na apresentação dos relatos o que a disciplina contribuiu na formação e qualificação profissional dos alunos/as?

Expandir a ideia de trabalho. Ou seja, eu aprendi que o trabalho não se trata apenas de mercado, mas sim de mundo do trabalho, porque tudo é trabalho (PAULA, 2022).



Contribuiu na maneira de pensar, refletir e agir sobre minha prática profissional e pessoal (NILMA, 2022).

Contribuiu para o preparo para o mercado de trabalho (BEATRIZ, 2022).

Pensar nas relações com um olhar mais crítico e ser mais sensível as relações de desigualdade (MARX, 2022).

Chama atenção na abordagem de BEATRIZ ao relatar que a disciplina serviu exclusivamente para o mercado de trabalho, divergindo dos /as demais colegas, embora o trabalho não sendo definidor de todas as relações sociais, mas uma parte delas, possibilidade do ser viver, interagir com as demais pessoas, entendendo o mesmo enquanto função social e desde modo possibilitando maior qualificação. Ainda instigando o debate, pensando qual perspectiva de educação acredita ser mais problematizadora?

Eu acredito na ideia de educação baseada em Paulo Freire, formando seres críticos e reflexivos, incluindo a formação não apenas de estudantes, mas também de docentes (PAULA, 2022).

A educação é um estilo de convivência ou um processo de transferência de conhecimento para a organização, desenvolvimento, habilidades e competências de um cidadão (NILMA, 2022).

Um suporte importante para a convivência em sociedade, enquanto indivíduo, é fundamental para o crescimento próprio (BEATRIZ, 2022).

Libertadora, mas pode ser utilizada como disseminadora do controle social e manutenção do capitalismo (MARX, 2022).

As indagações apontam, dão indícios para a defesa de uma educação não conteudista, que ajude pensar as diversas vivências no processo ensino-aprendizado, no campo da formação docente, em que a partir do trabalho e educação, possibilite um elo de complementariedade profissionalizante, técnica, aos demais níveis seja o básico, médio, onde agregue conhecimento, ligue teoria à prática.

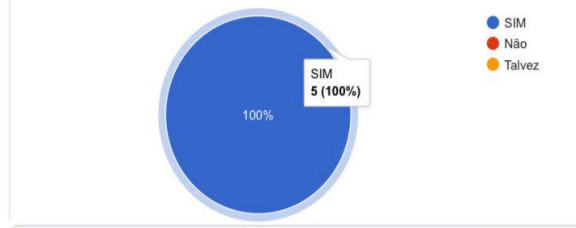
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção será apresentado em forma de gráficos os dados que a discussão proporcionou no fazer profissional e campo didático-pedagógico.

Gráfico 1- em forma de pizza com respostas dos estudantes.

1. Na sua opinião, é importante discutir a temática de trabalho e educação?

5 respostas



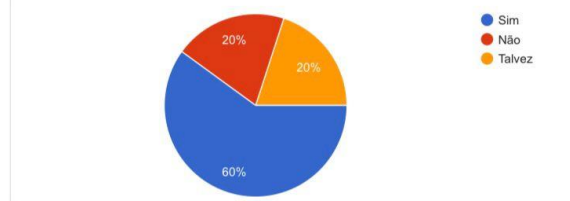
Fonte: Google forms

Para uma complementação das falas, melhor explicação, os cinco participantes que aceitaram responder às perguntas, relataram da suma importância de cursar a disciplina para os seus currículos e formação profissional, técnica e docente no IFRN. Mesmo diante do cenário de pandemia em que as aulas presenciais foram suspensas e no retorno de forma remoto, tendo de aprender usar as tecnologias da informação⁷ no auxílio das aulas constituíram alguns desafios.

Gráfico 1- em forma de pizza com respostas dos estudantes.

6. Na Educação Profissionalizante a temática é bem trabalhada, abordada?

5 respostas



Fonte: Google forms

Fazendo a leitura, três alunos (as) responderam que o tema é bem abordado, sendo contemplados (as), e um relatou que não acha, foi insuficiente, por exemplo, necessitaria de maior carga horária, ampliação do diálogo, amadurecimento devido a situação atípica de pandemia e outro estudante ficou na dúvida, marcando o talvez como possibilidade. Pretendíamos dialogar em maior profundidade, porém, apenas cinco ex-alunos da disciplina e curso aceitaram responder, apresentando mais um desafio.

⁷ Para maiores detalhes, ver o artigo sobre a pedagogia dos multiletramentos (SILVINO e SILVA, 2022) da experiência com o uso de tecnologias via whats app, Instagram em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES

A discussão possibilitou no campo da formação docente no processo de qualificação enquanto pesquisadoras (es) na área, saber lidar na prática cotidiana com a temática relevância, ao apontar a vivência ao cursar a disciplina, diante dos desafios, no geral, contribuiu de forma significativa para melhor compreender o processo de qualificação, esclarecimento, maior aproximação das abordagens para os/as estudantes questionar e refletir a realidade. Encontrando limites sobretudo na pandemia, por exemplo, aulas virtuais, adaptação das várias tecnologias, mas também serviu de questionamento ao colocar em evidência nas pesquisas, na atuação profissional o ensino na qual não queremos reproduzir, e sim questionar. Daí a necessidade de se ter análises em contextos diversos que ultrapassem os muros da academia, comunidade científica e chegue no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Trabalho e precarização numa ordem neoliberal**. In GENTILLI, Pablo. FRIGOTTO, Gaudêncio (org). A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho. São Paulo: Cortez, 2011.

ANTUNES. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANTUNES, R. **As novas formas de acumulação do capital e as formas contemporâneas de estranhamento (alienação)**. Caderno CRH, Salvador, v. 15, n. 37, p. 23-46, 2002.

ANDERSON, Perry. In: SADER, E; GENTILI, P. (orgs.). **Pós-neoliberalismo:** as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BATISTA, P. N. **O Consenso de Washigton:** a visão neoliberal dos problemas latino-americanos. São Paulo: Consulta Popular, 2001. (Cartilha 7)

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida.** A experiência do trabalho e a educação básica. In FRIGOTTO, Gaudêncio. Rio de Janeiro: 2002.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social:** ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Aparecida: Ideias e Letras, p. 126, 2007. (Coleção Management, n. 4)

GENTILI, Pablo. **Neoliberalismo e Educação.** Manual do usuário. IN:_____; SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). Escola S. A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional no neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1996.



LOURO, Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MOTA, Ana Elizabeth & AMARAL, Ângela A. Reestruturação do capital, fragmentação do trabalho e Serviço Social In: MOTA, Ana Elizabeth (org.). A Nova Fábrica de Consensos. **Ensaio sobre a reestruturação produtiva empresarial, o trabalho e as demandas ao Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1998.

NOGUEIRA, C. M. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. In: ANTUNES, R.; SILVA, A. M. (Orgs.). **O avesso do trabalho**. 2. ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SILVA, Carmen. Raízes das Desigualdades. In: **Cadernos de crítica feminista**. Reflexões feministas para transformação social. Ano I, nº. 0. dez. 2007. p. 148 – 157.

SILVA, P. de S. et al. **Mulheres bancárias no mercado de trabalho brasileiro**. Revista da ABET, Natal, v. 17, n. 1, p. 135, Jan a Jun. 2018.